

Esta edição possui o mesmo texto ficcional da edição anterior.

A magia da árvore luminosa

© Rosana Bond, 1997

Gerência editorial Kandy Saraiva

Edição Laura Vecchioli

Gerência de produção editorial Ricardo de Gan Braga

ARTE

Narjara Lara (coord.), Nathalia Laia (assist.)

Projeto gráfico & redesenho do logo Marcelo Martinez | Laboratório Secreto

Capa montagem de Marcelo Martinez | Laboratório Secreto sobre ilustração de Célia Kofuji

Editoração eletrônica Narjara Lara

REVISÃO

Hélia de Jesus Gonsaga (ger.) e Andreia Pereira (coord.)

ICONOGRAFIA

Silvio Kligin (superv.), Cesar Wolf e Fernanda Crevin (tratamento de imagem)

Crédito da imagem Arquivo pessoal (p. 154)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B694m

Bond, Rosana, 1954 -

A magia da árvore luminosa / Rosana Bond. - [6. ed.] - São Paulo

: Ática, 2017.

160 p. (Vaga-Lume)

Apêndice

ISBN 978-85-0818-465-1

1. Ficção infantiljuvenil brasileira. I. Título II. Série.

17-39952

CDD: 028.5

CDU: 0875

CL 739974

CAE 619881

2017

6ª edição

1ª impressão

Impressão e acabamento:

ea

editora ática

Direitos desta edição cedidos à Editora Ática S.A., 2017

Avenida das Nações Unidas, 7221

Pinheiros - São Paulo - SP - CEP 05425-902

Tel.: 4003-3061 - atendimento@aticascipione.com.br

www.aticascipione.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.





A Magia da Árvore Luminosa

ROSANA BOND

Série Vaga-Lume



ea

editora ática

Uma missão ecológica

AQUELA ILHA ERA O CENÁRIO PERFEITO para um filme de piratas: um paraíso perdido ali pertinho de Florianópolis. E quem disse que a Turma da Bernunça resistiu à tentação?

Mesmo com todas as histórias estranhas que rondavam a Ilha da Luna, os garotos estavam decididos a desbravá-la. Eles nem sonhavam que aquela divertida expedição acabaria envolvendo-os numa missão muito importante.

Você está disposto a participar dessa aventura ecológica? Então prepare-se: desafios de arrepiar qualquer herói o aguardam. Uma região cheia de mistérios e lendas convida você a desvendar os segredos de uma árvore luminosa.




sumário

<i>capítulo 1.</i>	
Procuram-se os piratas	11
<i>capítulo 2.</i>	
Fantasma não existe... existe?	18
<i>capítulo 3.</i>	
Um verdadeiro caso de loucura	23
<i>capítulo 4.</i>	
A grande expedição	29
<i>capítulo 5.</i>	
Içar velas!	34
<i>capítulo 6.</i>	
O paraíso de Adão e Eva	40
<i>capítulo 7.</i>	
A Bernunça em apuros	47
<i>capítulo 8.</i>	
Um vulto reluzente	52
<i>capítulo 9.</i>	
Ninguém abre o bico!	59
<i>capítulo 10.</i>	
O falso prêmio	63
<i>capítulo 11.</i>	
Ele era um feiticeiro...	69
<i>capítulo 12.</i>	
Foi uma miragem?	74
<i>capítulo 13.</i>	
Um trabalho para os curumins	80



<i>capítulo 14.</i>	
Os turistas curiosos	86
<i>capítulo 15.</i>	
Vestígios de uma aldeia	91
<i>capítulo 16.</i>	
Não lhe interessa, moleque!	97
<i>capítulo 17.</i>	
Um rebuliço na praia	102
<i>capítulo 18.</i>	
Abaetê declara guerra ao hotel	106
<i>capítulo 19.</i>	
Acredita agora?	112
<i>capítulo 20.</i>	
Acidentes acontecem, ora...	120
<i>capítulo 21.</i>	
A dança mágica dos pajés	128
<i>capítulo 22.</i>	
Um inferno!	134
<i>capítulo 23.</i>	
O prêmio verdadeiro	141
<i>capítulo 24.</i>	
Amigo para sempre	147
<i>Saiba mais sobre Rosana Bond</i>	154



*Um índio descerá de uma estrela colorida brilhante
De uma estrela que virá numa velocidade estonteante
E pousará no coração do hemisfério sul, na América, num
claro instante*

*Depois de exterminada a última nação indígena
E o espírito dos pássaros das fontes de água límpida
Mais avançado que a mais avançada das mais avançadas
das tecnologias*

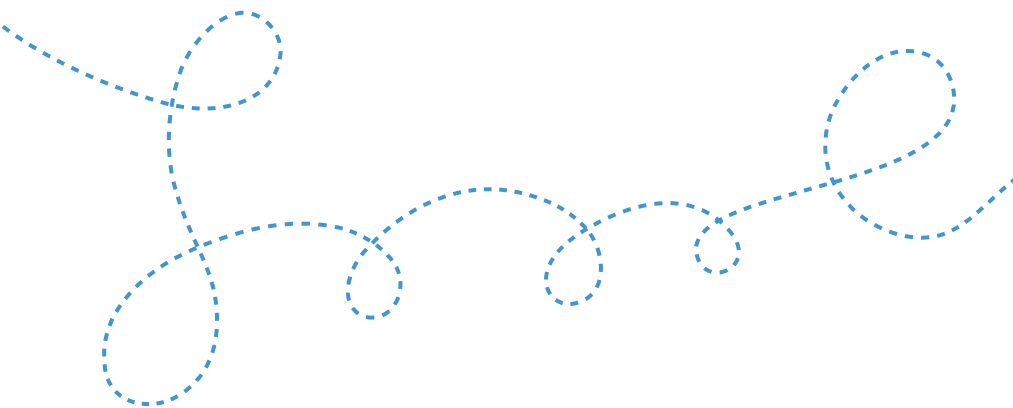
(...)

*Um índio preservado em pleno corpo físico
Em todo sólido todo gás e todo líquido
Em átomos palavras alma cor em gesto em cheiro em
sombra em luz em som magnífico*

(...)

*E aquilo que nesse momento se revelará aos povos
Surpreenderá a todos não por ser exótico
Mas pelo fato de poder ter sempre estado oculto quando
terá sido o óbvio*

Caetano Veloso





1. Procuram-se os piratas

AQUELA PRIMAVERA estava parecendo verão na Praia das Ostras.

Ainda era novembro, mas o ar estava abafado e úmido, como um vapor grudando na pele.

Naquela tarde, a Praia das Ostras — antigo vilarejo de pescadores da ilha de Florianópolis — mostrava sua beleza sossegada nas encostas cobertas de verde, nas enseadas calmas, rodeadas de pedras, e nas casas de arquitetura portuguesa.

As pessoas andavam devagar, os cachorros procuravam sombra para se proteger do sol. Parecia que a vida estava sendo filmada em câmera lenta.

De repente, a quietude foi rompida:

— Os piratas sumiram!

O “capitão Paulo”, o autor do grito, chegou arfando no “castelo” — um espaço circular de areia, escondido entre uns enormes blocos de pedra, quase à beira do mar.

— Como sumiram?! — perguntaram Janete e Sandra,

as duas *ladies* que estavam à espera do capitão, enquanto ele vasculhava as redondezas em busca dos piratas.

— Desapareceram! — repetiu o menino baixinho e roliço, descansando a espada de madeira na fenda de uma pedra.

— Essa brincadeira já está ficando chata — reclamou Sandra. — Por que o Carlos e o Geraldino não atacam logo, pra gente assar esse peixe? — disse ela, tirando o véu de *lady* que cobria os cabelos castanhos, cacheados, e limpando o suor que escorria na testa.

Alguna coisa estava errada, muito errada, pensou Janete. Já fazia um tempão que estavam ali, e nada de os piratas avançarem.

O combinado tinha sido outro. Os cinco amigos tinham decidido que iriam brincar de pirata, ficando as donzelas Janete e Sandra no castelo, sob a guarda do capitão Paulo. Após meia hora, mais ou menos, o terrível Carlos Perna de Pau e seu cúmplice Geraldino, o Caolho, teriam que atacar. Ao final da cruel batalha, assariam um peixe e depois iriam chupar picolé na Venda do Zilmo.

— Vou procurá-los de novo! — resolveu Janete, levantando-se e esticando as pernas finas e compridas. Alta, não parecia ter apenas dez anos.

— E eu vou acender o fogo pro peixe! — decidiu Paulo.

— Não! — protestou Janete. — Se a gente fizer fumaça, vai ser moleza pros piratas nos acharem...

— Também estou com um buraco no estômago... — confessou Sandra, já ajudando o capitão.

Os gravetos secos da fogueira logo soltaram fumaça.

— Estamos perdidos... — suspirou Janete, vencida.

Nem bem a garota tinha terminado a frase, ouviu-se um ruído.

— São eles... — sussurrou Paulo, pegando a espada.

As duas donzelas agacharam-se. Nem respiravam. Os passos vinham chegando, chegando...

No mesmo instante em que Paulo ia atacar, escutou-se uma voz.

— Ei, vocês aí!

As damas gritaram de susto. O valente capitão também. Ao mesmo tempo, olharam para o lado de onde viera a voz:

— Seu Macário!?!

O rosto do velho simpático abriu-se num sorriso:

— Vi a fumaça e vim... — explicou-se, como que pedindo desculpa. — Achei que algum turista tinha feito piquenique e esquecido o fogo.

Seu Macário tinha mais de setenta anos e era pescador aposentado. Bem-disposto, vivia contando histórias para a criançada da Praia das Ostras.

— O senhor não viu o Carlos e o Geraldino por aí? — quis saber Paulo.

— A gente estava indo atrás deles... — comentou Janete, tirando uma escama de peixe que tinha ficado presa em seus cabelos loiros e compridos.

— Querem que eu ajude a procurar? — ofereceu-se o velhinho, achando que aquilo fazia parte da brincadeira.

Saíram à procura, indo cada um para um lado.

Havia passado quase uma hora quando todos juntaram-se novamente na praia.

— Nada! — disse seu Macário, coçando a cabeça careca.

— Onde será que aqueles dois foram se enfiar? — disse Sandra, pensando alto.

O velhinho, que até então estava se divertindo, começou a ficar alarmado. Faltava pouco para anoitecer.

— Acho que tá na hora da Turma da Bernunça ir pra casa — aconselhou seu Macário aos três, que estavam sentados na areia. — Vou sozinho achar esses meninos...

Paulo ergueu-se num pulo:

— Nada de casa, não, senhor! A Turma da Bernunça não abandona os companheiros! — afirmou, em tom de discurso.

O pescador voltou-se para as garotas.

— Daqui a gente não sai! — decretou Janete.

“A Turma da Bernunça era mesmo muito unida” —, pensou seu Macário. Andavam sempre juntos e também frequentavam a mesma escola, que não ficava longe de suas casas.

O pescador olhou para eles com afeto. Lembrava tão bem aquele Carnaval em que os cinco pequenos saíram fantasiados de Bernunça... Todos metidos debaixo de um pano estampado, com aquela boca grande de madeira “comendo” as outras crianças na rua... Foi uma boa ideia aquele bloco, pois a Bernunça nunca tinha aparecido no Carnaval, só no Boi de Mamão.

Os turistas da Praia das Ostras, quando viam as apresentações folclóricas do Boi de Mamão, achavam que a Bernunça

era uma mistura de cobra com dragão chinês. Aquela Bernunça no Carnaval foi um sucesso, isso foi... recordava seu Macário. De lá para cá os cinco ficaram com esse nome: Turma da Bernunça. Era só falar, que todo mundo já sabia...

— Ei! Seu Macário! Tá dormindo com o olho aberto? — indagou Paulo, rindo.

— Hã? Não... tava pensando em vocês...

— Em nós?

— Tava pensando, como estão crescendo e ficando malcriados — disse o velho, fingindo estar aborrecido. — Querem saber de uma coisa? Eu vou é chamar...

Naquele instante, Sandra apontou o dedo para alguma coisa atrás de Paulo.

— Não vai precisar chamar ninguém, seu Macário... olha só quem está vindo pra cá com uma cara...

Era Dinorá, mãe de Paulo e Carlos. Ela cumprimentou o velho pescador com um beijo na testa. Em seguida, virou-se para o filho caçula:

— Muito bonito! Esqueceu da hora, é, seu Paulo? — zangou-se. — Onde está seu irmão?

O menino olhou primeiro para seu Macário.

— O Carlos... bom... o Carlos tá lá... — respondeu, fazendo um gesto vago.

— Paulo, você está mentindo! — ralhou Dinorá.

Vendo que não conseguiria enganar a mãe, principalmente porque seu Macário fora testemunha de tudo, o garoto resolveu contar a verdade. Dinorá já estava ficando sobressaltada quando alguém gritou:

— Vejam! São eles!

Carlos e Geraldino vinham remando numa pequena canoa, de calado raso, que os pescadores nativos chamavam de bateira.

Dinorá nem esperou que desembarcassem.

— Podem me dizer onde os senhores estavam? — perguntou, colocando as mãos na cintura, naquela pose de açucareiro que as mães fazem quando dão bronca.

Os dois garotos se consultaram com os olhos. Geraldino mexeu sutilmente a cabeça. Carlos decidiu falar:

— Nós... eu... quer dizer... nós fomos pra Ilha da Luna...

— Valha-me Nossa Senhora! — benzeu-se seu Macário.

— Não acredito! — reagiu Dinorá. — Vocês tão querendo me dizer que foram sozinhos praquele lugar?

— A gente queria contar uma coisa... — disse Geraldino, desenxabido.

Dinorá virou-se para ele:

— O que aconteceu? — perguntou, assustada. — Vocês viram alguma coisa estranha lá na Luna? Viram?

Silêncio.

— Carlos, filho, o que houve? — indagou Dinorá, já em pânico.

— Nada, mãe... — Em seguida completou, meio encabulado: — Sabe aquela valise térmica que o pai comprou?

— Aquela importada? — indagou Paulo.

— Eu... eu... esqueci ela lá na Luna...

Dinorá soltou o ar num sopro, aliviada:

— Graças a Deus...

— Graças a Deus nada, mãe! O Carlos tá frito! — disse Paulo, dando uma risada sonora.

A turma olhou feio para o caçula.

Dinorá virou o rosto de lado. Ninguém viu, mas ela acabou rindo também.